

«DIOGO-CAÃO»**Revista Ilustrada**

— de —

Assuntos Históricos Angolanos

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —

**SUMÁRIO**

Questões marítimas internacionais : III — Os Portugueses & os Franceses — Arquivos religiosos da diocese de Angola-e-Congo — O eco em Luanda e Benguela da Independência do Brasil, em 1822 — Continuação do I tomo da *História Geral das Guerras Angolanas* de Cadornega — Documentos angolanos anteriores a 1648 — Os Jesuítas de Luanda — A causa do desterro do dr. José de Seabra da Silva — = Almanaque estatístico, de 1852 — Batalha de Ambuíla =

TIRAGEM : 1.000 EXEMPLARES

LISBOA

= 1934 =

«DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e Aluno do Curso
Superior de Bibliotecário-Arquivista

Vende-se em LUANDA, nas Livrarias :

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

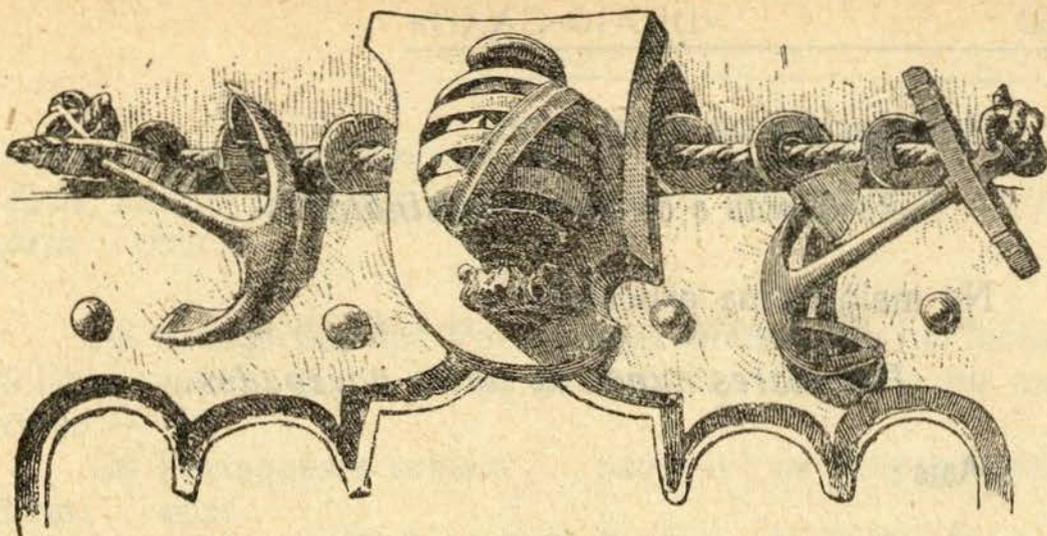
Preço do número avulso	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

Também ali se encontram à venda números da I série

Vendem-se algumas colecções da I série :

Os 10 números em brochura.....	55\$00
Num volume cartonado	60\$00

Número avulso da II série, em Lisboa 3\$50



QUESTÕES MARÍTIMAS INTERNACIONAIS

III

Os Portugueses & os Franceses

ALGUNS FACTOS HISTÓRICOS

— Les Français ne prirent aucune part au grand mouvement maritime et commercial qui entraînaît les États riverains de l'Océan : Portugal, Espagne, Hollande, Angleterre.

Levasseur.

(Ao Ex.^{mo} Senhor Comandante **Henrique Correia da Silva** (Paço-de-Arcos) — homenagem respeitosa e agradecida do Padre **Ruela**.)

INTRODUÇÃO

I — No tempo passado...



NAQUELE TEMPO PASSADO DE rapaz, que não mais volta e que sempre se recorda com amargosa saudade, num discurso, num brinde, numa simples carta familiar, todo o tagarela, todo o palrador, todo o epistológrafo metia versos, inteiros ou mutilados, do nosso imortal Camões...

Umaz vezes — bem empregados, mas outras — sem propósito.

No princípio ou no exórdio :

As armas e os barões assinalados...

No meio ou na exposição :

Por mares nunca de antes navegados...

Mais :

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império ; e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando...*

No epílogo... no fim, ou no final :

Infelizes estudantes, a quem os professores, nas aulas de geografia & história, nos ensinavam estas barbaridades ou eronias : os feitos épicos dos nossos navegadores eram produto de... temerária ou estúpida aventura!!!...

Quando, de facto, os nossos Marinheiros fizeram as suas navegações maravilhosas, indo não a acertar, mas devidamente ensinados e providos de instrumentos próprios : esta é que é a verdade.

No seu encantador livro — *Os Portugueses no Mar* — o sr. Comandante Quirino da Fonseca dá-nos êste pedacinho de oiro :

— *A História Marítima dos Portugueses não se ilustra como simples episódio de uma nacionalidade que se localizara fortuitamente à beira do Continente Europeu, num agreste rincão de litoral a defrontar o Mistério-Atlântico ainda entenebrecido de lendas e preconceitos extravagantes. Melhor do que se assim fôra, os Portugueses, alcançando prioridade no devassar o âmbito nebuloso dos mares que se julgavam inacessíveis, esquadrinhando os até aos seus muí recatados confins, sendo pioneiros no trihar de remotos e fabulosos territórios que também iam devassando com afinco, — de tal sorte eis como puderam escrever indelêvelmente as páginas mais rútilas, mais impressionantes dos*

fastos marítimos, preenchendo, com inteligência e temeridade, bastas clareiras que persistiam na História da própria Terra. —

As navegações dos Portugueses foram, pois, um facto inteligentemente estudado ou preparado, temerário ou audacioso — sim.

Os Portugueses sabiam... navegar: os Portugueses sabem... voar.

Lá o disse o almirante Gago Coutinho: — «Não basta saber voar: é preciso que o Mundo conheça que os descendentes dos antigos pioneiros do Atlântico também sabem voar, como sabem navegar».

2 — A diplomacia LUSO-FRANCESA

Sempre tiveram boa aceitação em Portugal os Franceses: o conde dom Henrique era neto de Roberto — o forte — que governou a França de 996 a-1031.

Em 1147, uma armáda de cruzados ajudou dom Afonso Henriques na conquista da cidade de Lisboa:

— Na primavera de 1147, largava do porto inglês de Dartmouth uma armáda de cerca de duzentos navios, que conduzia para a Terra-Santa cruzados alemães, flamengos, franceses e ingleses, talvez cerca de treze mil homens. A 16 de Junho, entraram no rio Douro muitos daqueles navios, quando o bispo do Pôrto já recebera instruções de dem Afonso Henriques para tentar concluir com os expedicionários um acôrdo sobre colaboração na guerra contra os infiéis...

O bispo do Pôrto conseguiu persuadir os expedicionários da importância e vantagens da empresa, de modo que, reunidos todos os navios da armáda, tomaram a rota de Lisboa e entraram no rio Tejo a 28 de Julho...

No dia 23 ou 24 de Outubro, os cristãos entraram na cidade e tomaram conta do castelo... —

No tempo de dom Sancho I, foram concedidas aos Francos ou Franceses as terras de Sesimbra e largos campos entre Santarém e Alenquer...

Dom Afonso III protegeu e desenvolveu o comércio com os portos franceses...

Em 1290, Filipe Formoso concede também privilégios aos mercadores de Portugal, que el-rei dom Denis aceita e retribue.

O nosso dom Pedro I e Carlos V, rei de França, em 1364, confirmaram os privilégios concedidos, de parte a parte, pelos seus antecessores.

Na batalha de Aljubarrota, em 1385, do lado de Portugal se acharam também muitos Franceses...

...e em Seuta...

Em tempo de dom Afonso V, várias tréguas e tratados comerciais se combinaram com a França...

3 — O nosso roteiro literário

Tal e qual, seguiremos o mesmo método ou divisão que indicámos para o nosso ensaio relativo aos Ingêses.

Não temos recêio de publicar ou escrever que o nosso trabalho apresenta lacunas...

De modo algum impedimos quem-quer-que-seja de que faça coisa melhor...

A quem, curioso, nos fizer esta pergunta — ¿ até onde vão ou irão êstes artigos? — não sabemos nem podemos dar uma resposta precisa ou aproximada sequer: de nossa parte, apenas exercitamos a caneta para... outros trabalhos históricos mais pesados que, um dia, havemos de fazer e publicar.

Podem acreditar, porque a nossa confissão é sincera e inteira: êstes ensaios de história marítima internacional nada mais são do que uns calculados exercícios de... ginástica literária.

Estamos a preparar a nossa... bagagem para outras... viagens... maiores...

4 — A utilidade economica

das nossas

descobertas marítimas

Hoje em dia, a verdade chega a ser escandalosa, porque muita gente só faz vida com as chamadas mentiras convencionais: Portugal, de facto, pagou caro as suas glórias oceânicas, muito caro.

¿i Foram ou são vantajosos, foram ou são prejudiciais ao Portugal-Continental — os nossos Descobrimentos Ultramarinos ?!...

Não vamos, certamente, encher papel e perder tempo a formular e a discutir hipóteses, mais ou menos filosóficas: queremos ou pretendemos tam sòmente narrar factos passados e é sòbre êles que desenvolveremos as nossas considerações de tríplice aspecto ou natureza — política, económica, social.

O nosso estudo não ultrapassa os limites de um modestíssimo ensáio: ninguém, em Portugal, ainda até hoje, escreveu qualquer coisa a êste respeito ou sob êste ponto de vista, livre e justo, concreto e positivo.

Em França, sim.

Nem ilusões de òtimista, nem desânimos de pèssimista cercam ou impedem o alcãnce patriótico do nosso pensamento ilustrado e amigo honrado da verdade: náda mais vamos fazer do que marcar, na História de Portugal, o lugar certo e o valor económico das descobertas e conquistas ultramarinas, na parte relativa à costa ocidental da África.

Em primeiro lugar, devemos ter sempre em vista que o fim das navegações era a Índia: depois de dobrado o cabo de Boa-Esperança e estabelecido o comércio com o Oriente, a nossa costa ocidental ficou ofuscada ou em plano secundário.

Em segundo lugar, o Brasil também com vantagem ganhou da costa ocidental, até que, tornado independente em 1822, as atenções portuguesas se fixaram, por exclusão de partes, em Angola e em Moçambique.

Digam o que disserem, factos... são factos.

...e os factos, na sua realidade positiva, mostram e provam que, desde o início, em Angola, os nossos exploradores & missionários exageraram a riqueza destas terras e fizeram dum modo errado a primeira ocupação, isto-é, em sítios péssimos ou impossíveis para a vida de colonos brancos.

Com os próprios olhos, os nossos Leitores vão ver que não fazemos apenas afirmações leves, mas diremos a verdade provada rigorosamente: em presença dos **Documentos**, que registam ou recordam os factos, a crítica tem de ser livre e honesta, imparcial e justa.

Mas... vamos ao nosso prólogo...

5 — Os Franceses e o Mar

No nosso trabalho presente, não nos interessa tratar do comércio marítimo da Gália-Romana no Atlântico e no Mediterrâneo, nem das Cruzadas, nem da expansão francesa na Idade-Média: quando muito, recordaremos as expedições dos Normandos e o seu estabelecimento na França, visto que temos de desfazer a lenda de umas fantásticas viagens que, em 1364, marinheiros de Dieppe e de Rouen... não fizeram à Guiné.

Por sua vez, Jacques Coeur não fundou colónias: foi, quando muito, um comerciante e armador audaz.

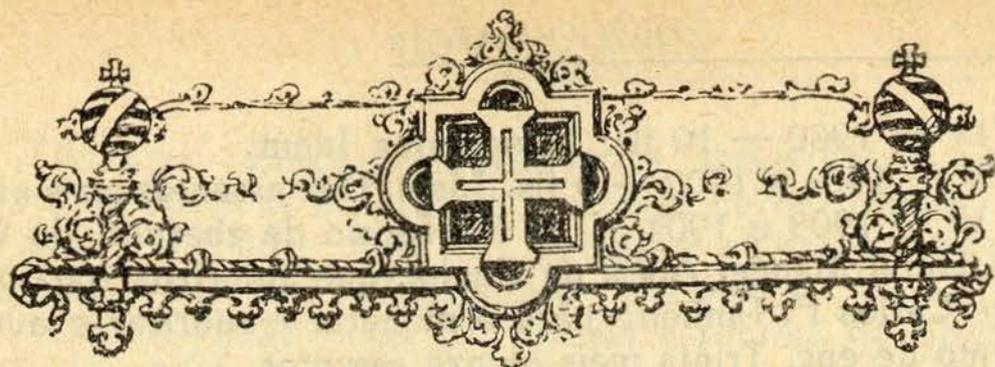
De facto, Carlos VII, que governou a França de 1422 a 1461, usou e abusou das virtudes ou qualidades de Jacques Coeur

Não contaremos, pois, as riquezas & as desgraças do negociante de Montpellier.

A Luís XI, que governou a França de 1461 a 1483, deram os historiadores, como aconteceu ao nosso dom João II, o cognome de — *le roy des bourgeois et des marchands*.

De Carlos VIII (1483-1498), trataremos no devido lugar ou ponto.

(Continua).



História Ecclesiástica

Arquivo religioso de Muxima

(Continuação da pagina 152)

**OITAVO LÓTE : Baptizâdos. Casa-
mentos e Obitos. (Bcô.)**



S LIVROS DE ASSENTOS DE
Baptismos, Casamentos e Óbitos :

I — 1893 a 1896 — O termo de abertura foi lavrado pelo pároco Padre Manuel Joaquim Neto ; o de encerramento e a rúbrica das fls. pelo pároco Cónego Mateus de Almeida. Da fôlha 19, v. à fôlha 46. Só Baptismos.

II — 1896 a 1898 — 33 fls. Termo de abert. e rúb. das fôlhas 1-15 pelo pároco Cónego Joaquim José Xavier Casimiro Mascarenhas. Rúb. das fls. 16 a 48 e termo de enc. pelo pároco Padre Rodolfo... Lobo e Frias.

III — 1899 — 9 fls. Têrmos e rúb. do Padre Rodolfo. 21 assentos.

- IV — 1900 — 10 fls. 17 assentos. Idem.
- V — 1901 e 1902 — 9 fls. Idem. Dez assentos mais oito.
- VI — 1903 e 1904 — 15 fls. Termo de abertura do Vigário Geral Manuel Alves da Cunha, que autorizou o pároco Padre Carlos F. Pinheiro para o numerar e rubricar e lavrar o termo de enc. Trinta mais quinze assentos.
- VII — 1905 — 18 fls. Termos e rúb. pelo pároco Padre António Moreira Basílio. Trinta e sete assentos.
- VIII — 1906 — 10 fls. Idem. Vinte assentos.
- IX — 1907 e 1908 — 36 fls. Idem. Vinte mais sessenta e oito assentos.
- X — 1909 a 1911 — 47 fls. Termos e rúb. pelo pároco Padre José P. da C. Frota. Quinze, mais trinta e um, mais 44 assentos. ANEXO ou Caderno com 5 assentos de Casamentos, em 1910.
- XI — 1912 — 18 fls. Termos e rúb. pelo pároco Padre Agostinho de Sousa. 33 assentos.
- XII — 1914 — 19 fls. Termos e rúb. pelo capitão-mór Frederico Augusto Esteves. Trinta e oito assentos.
- XIII — 1915 e 1916 — 40 fls. Idem. Vinte e nove mais 40 assentos.
- XIV — 1922 — 13 fls. Termos e rúb. pelo administrador José Joaquim Marques. Trinta e um assentos de baptis-mos.
- XV — 1923 — 59 fls. Termos e rúb. pelo adm. interino Paulino Luís do Carmo. 82 assentos Bap. CASAMENTO de Aníbal Humberto de Campos com dona Ana Nogueira Augusta do Prado. 2 óbitos.
- XVI — 1924 — 15 fls. Termos e rúb. pelo adm. Aníbal H. de Campos. 43 bap. e 8 óbts.
- XVII — 1925 — 98 fls. Termos e rúb. pelo adm. Hermínio Castelbranco. 20 bapts. e oito óbitos.
- XVIII — 1926 — 50 fls. Idem. 20 bapts. e 5 óbts.
- XIX — 1927 — 50 fls. Termos e rúb. pelo adm. Gonçalo Queiroga. 48 bapts. e três óbitos.
- XX — 1928. — 50 fls. Termos e rúbrica pelo adm. Joaquim Proença. 38 bapts. e três óbitos.
- XXI — 1929. — PRIMEIRA PARTE com 50 fls. Termos e rúbrica, em carimbo, do adm. Lafayette Machado. 71 assentos de baps. e 4 de óbitos. SEGUNDA PARTE com 50

fls. Têrmos e rúbrica de Armando de Bastos Freire, Secretário e na ausência do adm. 50 assentos de baptizádos.

XXII — 1930 — 100 fls. Têrmos e rúbrica-carimbo de Lafayette Machado. 107 baptizádos e 3 óbitos.

XXIII — 1931 — 60 fls. Têrmos e rúbrica de Armando B. Freire. 29 baptizádos e 1 óbito.

XXIV — 1932 — 50 fls. Têrmos e rúbrica pelo adm. Francisco Martins Bragadesto. 56 Baptismos. CASAMENTO de José Caitano Galvão com dona Ascensão Coutinho de Faria. Oito óbitos.

XXV — 1933 — 50 fls. Têrmos e rúbrica-carimbo pelo secretário, servindo de administrador, Zózimo Maia. Em uso.

Por Lei, os Livros selados de Assentos, desde 1922, depois de findo o ano, têm sido entregues à Administração Civil.

NONO LÓTE: Leilões. (L)

1 — 1912... Em uso. — 148 fls. Têrmos e rúbrica pelo adm. Pedro Francisco de Sousa, major da 2.^a linha, em Junho de 1907.

DÉCIMO LÓTE: Editais. (Ed.)

1 — 1913... Em uso. — 26 fls. Têrmos de abertura e encerramento pelo vogal, servindo de presidente, António Ferreira de Lemos. Só estão rubricadas as 4 primeiras fls.

DÉCIMO PRIMEIRO LÓTE: Orçamentos. (Orç)

1 — 1912-1927. — Só 17 fôlhas, com cópias dos Orçamentos.

II — Na Câmara Eclesiástica de Luanda

Em complemento do que acabamos de escrever relativamente aos Livros do Arquivo Religioso de Muxima, passamos agora a dar aqui a lista dos Livros, também de Muxima, que se encontram na Câmara Eclesiástica de Luanda :

Baptismos :

Livro número 1 — Termo de abertura e encerramento do deão e vigário capitular Leonardo José Vilela, com a data de 12 de Agosto de 1828. 186 fôlhas. De 19 de Outubro de 1828 a 12 de Abril de 1833, os assentos foram lavrados pelo pároco padre Jerónimo de Carvalho, e de 20 de Maio de 1833 a 8 de Setembro pelo vigário Joaquim José de Abreu. De 9 de Dezembro de 1833 a 20 de Janeiro de 1834 fez baptizádos na Igreja da Muxima o padre Cosme de Lemos, vigário de Zenza. Em Março fez baptizádos o pároco padre Jerónimo de Carvalho. De Setembro de 1834 a Maio de 1836, foi pároco o padre Joaquim José de Abreu. Em Março de 1840 o vigário de Maçangano padre Francisco de Assis e Andrade fez três baptizádos. Em Janeiro de 1841 (Fôlha 18. verso) o vigário-capitular Leonardo escreveu uma RECOMENDAÇÃO. De 12 de Abril de 1841 a 24 de Maio de 1843 fez baptizádos o pároco encomendado António João de Carvalho. Em Dezembro de 1843 e 1844 e Janeiro e Junho de 1845 fez baptizádos o pároco de Maçangano padre Francisco de Assis. Em Dezembro de 1845, fez baptizados o padre António João de Carvalho. Em Dezembro de 1846, 1847 e até Fevereiro de 1848, fez baptizados o padre Matias José Rebelo. De Março a Novembro de 1850, o padre Francisco de Assis. Em Dezembro de 1850. 51 e 52, o padre Matias. Em Dezembro de 1856, o cônego Manuel Monteiro de Moraes.

1855 e 1856 — Nas caixas com papéis avulsos, há assentos de baptizados feitos na Muxima pelos padres António Lopes e José Violin. — (L.º 33, à fl. 74 v).

Livro número 2 — Abertura, numeração, rúbrica e encerramento pelo cônego missionário Domingos Pereira da Silva Sardinha. 94 fôlhas. Dezembro de 1857 e 1858, baps. pelo cônego Sardinha. Em 1859, baps. sem assinatura de padre. 2 Casamentos às fôlhas 49 e 50.

Livro número 3 — Termo de abertura pelo deão e governador do Bispado António Guedes Coutinho Garrido. Luanda, Paço-Episcopal, 7 de Janeiro de 1870. Rúbrica e encerramento do pároco colado padre Baltasar António Teixeira Pinto. 150 fôlhas. Em 1867 — 50 baps., em 1868 — 681, em 1869 — 168, em 1870 — 235 baptizados numerados e mais outros sem número até à fôlha 137, em data de 18 de Setembro. Em Dezembro de 1871, baps. pelo padre Manuel Inácio dos Santos Tôrres Júnior.

Livro número 4 — Abertura, rúbrica e encerramento do pároco missionário Lázaro António José Luís de Sá. 5 de Janeiro de 1872. 150 fôlhas. Em 1872 e 1873, em 30 fôlhas, baps. pelo padre Lázaro.

Livro número 5 — Abertura do Bispo dom Tomás. Luanda, 18 de Novembro de 1873. Rúbrica e encerramento do padre Lázaro. 50 fôlhas. De 9 de Dezembro de 1873 a 10 de Maio de 1874, baps. pelo padre Lázaro. De 9 de Dezembro de 1874 a 4 de Março de 1876, baps. pelo pároco missionário Joaquim Jerónimo de Sant'Ana Fernandes.

Livro número 6 — Duplicado do número 5.

Livro número 7 — Termo de abert. pelo bispo dom Tomás. Luanda, 6 de Agosto de 1875. Rúbrica e encerramento pelo padre Joaquim Jerónimo. 149 fôlhas. De 4 de Março a 2 de Julho de 1876, baps. pelo padre Joaquim Jerónimo. Em 1876, baps. pelo então pároco da Ilha-de-Luanda padre Lázaro em serviço de missão em Muxima. De 27 de Maio a 6

de Junho, baps. pelo pároco em missão cónego Henrique Ribeiro da Cúnha de Meneses. Em Outubro de 1877 fez baps. o pároco em comissão António Pedro Martins. Em Dez., o padre Lázaro. Em Dez. de 1879, o pároco padre Duarte Sant'Ana dos Remédios. De Outubro a Dezembro de 1880, o padre vigário João Constâncio Rodrigues. De Março de 1890 a Dez. de 1891, o pároco missionário padre Joaquim José da Silva.

Livro número 8 — Duplicado do número 7.

Livro número 9 — Abertura do bispo dom José Sebastião Neto. Luanda, 10 de Novembro de 1880. Numeração e rúbrica e termo de encerramento pelo padre João Constâncio Rodrigues. De Janeiro de 1881 a Fev. de 1884, baps. pelo padre Constâncio. De Fev. a Maio de 1884, pelo pároco encomendado padre Francisco Xavier Pereira. Em Dez., pelo pároco de Maçangano padre Gil Brás C. Quitério de Sousa. Em Agosto de 1885, baps. pelo padre Constâncio. Em 7 de Dezembro, pelo padre José Maria de Moraes Gavião, que baptizou dom João Mendes da Conceição Gomes Coelho, soba das terras de Muxima-Aquitangombe. (Fôlha 40). A 7 de Março de 1886 o padre A. J. do Nascimento, pároco de Cambambe, fez um baptizado na Muxima. De 26 de Set. de 1886 a Dez., baptizados pelo padre Gil Brás. Casamento, à fôlha 127, de João Feliciano Pederneira Júnior e dona Olívia Carlota Guerra, pelo cónego Nascimento, em 7 de Março de 1886. Casamento, à fôlha 128, em 28 de Abril de 1888, de Pedro do Amaral Gurgel, com 38 anos de idade, e de dona Maria da Nazaret Vieira da Silva, com 18 anos. Assistiu o pároco Gil Brás Caitano Quitério de Sousa, de Maçangano. Alguns óbitos, repetidos, de 1881 e de 1890, às fls. 202-203, 271-272.

Livro número 10 — *Livro número 9*, selado ou duplicado.

Livro número 11 — Termo de abertura pelo padre Manuel Joaquim Neto. Muxima, a 1 de Março de 1893. No verso, novo termo de abertura pelo cónego Mateus de Almeida, com a data de 6 de Agosto, em virtude da Circular

do vigário geral cónego José Ricardo Freire de Andrade, de 10 de Julho de 1892. 200 fôlhas. De 30 de Novembro de 1892 a 26 de Fevereiro de 1893, estão 75 assentos de baptizâdos, sem assinatura do padre celebrante. De primeiro de Novembro de 1893 a 25 ou 26 de Abril de 1896, baps. pelo cónego Mateus. Em branco as fôlhas 47-200.

Livro número 12 — Cónego Mascarenhas. Livro selado. 1896-1898.

Livro número 13 — Selado de 1899.

Livro número 14 — Selado de 1900.

Livro número 15 — Selado de 1901 e 1902.

Livro número 16 — Selado de 1903 e 1904.

Livro número 17 — Selado de 1905.

Livro número 18 — Selado de 1906.

Livro número 19 — Selado de 1907 e 1908.

Livro número 20 — Selado de 1909 e 1910.

Livro número 21 — Selado de 1911.

Livro número 22 — Selado de 1912.

Livro número 23 — Original de 1913. Baptizâdos feitos pelo Bispo dom João Lima Vidal, a 2 de Fevereiro de 1913. 13 assentos lavrados pelo punho do padre José Simões Maio.

Livro número 24 — Selado de 1913.

CASAMENTOS

Livro número 1 — 1875-1879. Sete Casamentos nas 5 fôlhas.

Livro número 2 — Duplicado do número 1.

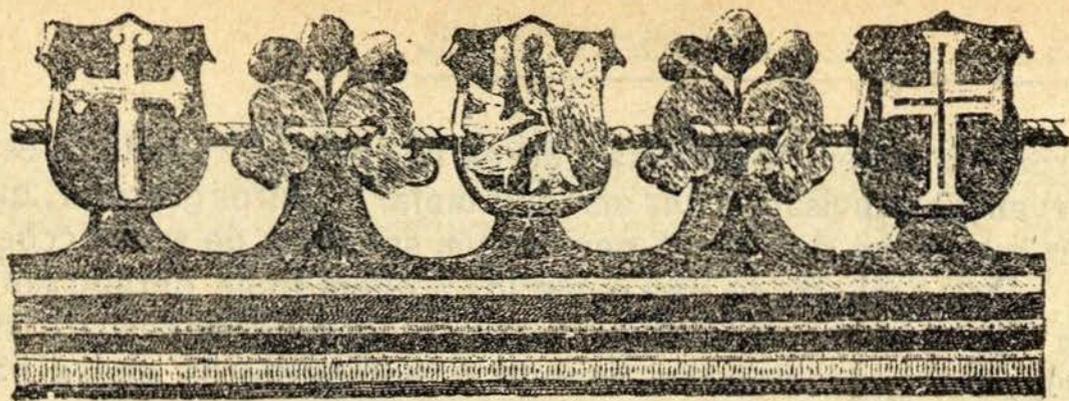
Livro número 3 — Caderno duplicado de Casamentos de 1910.

ÓBITOS

- Livro número 1* — 1852-1858.
Livro número 2 — 1867-1873.
Livro número 3 — 1873-1877.
Livro número 4 — Número 3, em duplicado.
Livro número 5 — Só 9 fôlhas. 1896-1898.
Livro número 6 — 17 assentos de 1899.
Livro número 7 — 24 assentos de 1900.
Livro número 8 — 17 assentos de 1901 e 11 de 1902.
Livro número 9 — 2 assentos de 1903 e 3 de 1904.
Livro número 10 — 5 assentos de 1905.
Livro número 11 — 17 assentos de 1906.
Livro número 12 — 15 assentos de 1907 e 2 de 1908.
Livro número 13 — 6 assentos de 1909, 7 de 1910 e 4 de 1911.
Livro número 14 — 8 assentos de 1912.

INVENTÁRIOS

Nos maços de papéis-avulsos, no Arquivo da Câmara Eclesiástica, há Inventários dos bens da Paróquia de Muxima de 1820, de 1828, feito pelo padre Jerónimo, de 1834, 1838, 1871, de 1880 e 1881 pelo padre Constâncio, e de 1886.



Antônio de Oliveira de Cadornega

História General
— das —
Guerras Angolanas

Tômo primeiro

LUANDA — 1680.

PRIMEIRA PÁRTE

Capítulo primeiro

(Continuação da página 142).

4. — Traição malvada, malvada só no papel, porque na verdade não foi praticada. Cadornega baralhou ou confundiu os factos. — P. P.



DEPOIS DE O HAVEREM
livrado de tam grandes molés-
tias, em págo de benefício tam grande ou
por invéja de seu grande valor ou temor de
ver os fêitos que emprenderam em seu
serviço, tratou o Rei de Angola de que-
rer mandar matar os Portugueses e, pâra
consequír esta malvada traição, com as-
túcia os fez dividir pelos Sobas seus vas-
salos, que não tivessem logar de se en-

corporarem nem fôsem sabedores uns dos outros : feita esta prevenção e divisão, a uns mandou matar, a outros garrotar, que não pudessem dar páso nem serem senhores de suas acções.

Desta crueldade não merecida a quem tinha obrado tanto em seu serviço, que não é muito se ache neste bárbaro semelhante agradecimento, quando o imitam outros que o não são ; a piedade ou afeição de uma Infanta, filha dêste Rei, livrou a 5 Portugueses de tamanha tirania, mandando os esconder de sua fereza em terras de um fidalgo soba vassalo de seu Pai, que tinha suas terras e senhorio no rio Mucoso, que desagua suas águas em o famoso e caudaloso rio Quanza.

O soba — era o seu apelido Quilonga Quiabungo, que conserva o mesmo nome e terras em o mesmo sítio, dando a obediência, como vassalo que é do Príncipe Nosso Senhor, à fortaleza de Cambambe, que fica perto das terras de Quilonga e rio Mucoso, como soba daquela lotação ; a quem ordenou aquela piedosa e afeioada Infanta : com todo o segredo mandasse fazer uma canoa, — que se faz de um só pau chamado *mufuma*, por cáusa da péle forte mais conveniente, — com officiais que têm pára isso a ferramenta a seu modo ; (há aí canoas destas de muito póрте ; o autor desta História viu fazer destas que levavam 500 enques de farinha-de-guerra, que são mil alqueires, e trazia de vólta, aliviada da farinha, 12 pipas de vinho a cavalete, afóra alguns barris e mais vitualhas ;) com ordem da dita Infanta que, feita que fôsse a dita embarcação, a levasse pelo rio Mucoso ao de Quanza e metesse nela aqueles Portugueses e sustênto necessário pára a viagem, e lhes dessem fuga por aquele espaçoso rio Quanza abaixo.

5. — Primeira viagem à Angola de Paulo Dias de Novais, mal contada. — P. P.

Entre êstes Portugueses entrava Paulo Dias de Novais, por cuja cáusa fazia a filha daquele Rei êstes extrêmos, que são os podêres do Amor, que até uma gentia os conhece ! Muito pode uma afeição !

Entrados que foram os ditos Portugueses em a canoa, foram navegando pelo rio abaixo com grande fadiga, como

aqueles que iam fugindo à morte, e foram a desembocar em a barra daquele potente rio chamado do Quanza, bem conhecido de todos os Mareantes, que distava do rio Mucoso, donde elles haviam saído em a canoa, 50 léguas ou mais, que tantas se fazem da cidade de Sam Paulo de Luanda ao presídio e fortaleza de Cambambe, que fica perto do Quanza e rio Mucoso.

Saídos que foram ao mar, os afligidos e valerosos Portugueses foram navegando naquella limitada embarcação, em que se arriscaram a passar aquella barra tam encapelada das ondas do mar, e foram descaíndo, costa à-costa, pãra sota-vento até o pôrto de Pinda do Rio-de-Congo, chamado Zaire; e, como naquelle pôrto vinham embarcações nossas, que a piedade da Católica Rainha de Portugal, a Sereníssima Senhora Dona Catarina, avó do Senhor Rei Dom Sebastião e Governadora Regente de seu Reino pela menoridade de El-Rei, havia feito aquelle pôrto franco pãra a passagem do Reino-de-Congo, onde, com zêlo cristão e pela propagação da Fé daquele poderoso Reino, havia mandado a el-rei Dom Afonso, que era o nome do que então reinava, muitos religiosos exemplares a cultivar aquella Seara pãra Deus, dispendendo com generosa mão muito de sua Real Fazenda, pãra os aprêstes daquela nova Cristandade, que tantos frutos deu de si naquelles primeiros tempos, e tantos prodígios obrou a mão de Deus em seu favor.

Neste pôrto de Pinda, que dissemos, achou o valeroso Paulo Dias de Novais embarcação pãra o nosso Reino de Portugal, pãra onde se embarcou, com seus Companheiros, chegando a salvamento à Pãtria amada.

Chegado que foi, deu particular informação do Reino-de-Angola, como quem o tinha também explorado, e da grande crueldade e tirania que aquelle bárbaro e idólatra Rei havia usado em satisfação de benefícios com a Nação Portuguesa, relatando sua tragédia e dos mais que haviam perecido às mãos daquele Tirano, com mortes tam afrontosas.

6. — Segunda viagem de Paulo Dias de Novais à Angola. — *P. P.*

Tendo-se inteirado de tudo, aquelle virtuoso e católico Rei mandou preparar naus com todo o aprêsto ne-

cessário de Infantaria, Artelharia e Munições, e principalmente de Sujeitos que trabalhassem na vinha-do Senhor, mandando, naquela Companhia, filhos de outra (Companhia), tam assinalados em virtudes, do Patriarca Santo Inácio de Loiôla, que bem têm mostrado em muitas pârtes do Mundo o muito que pode sua santa virtude e doutrina.

Também, diziam os Antigos, vieram a cultivar esta Seára pâra Deus Religiosos do Patriarca Sam-Domingos, como também de Religiosos dos Carmelitas.

Partidos que foram do nosso Reino, na éra de 1575 ou o que na verdade se achar, vieram fazendo sua derrôta em búsca desta costa da Etiópia, que tiveram os Antigos não habitada, chamando-lhe a tórrida zona, até que, depois de tam larga navegação e contrâstes de mar, veio Paulo Dias de Novais com suas naus e mais companhia a tomar pôrto em Sam-Paulo de Luanda, como quem o tinha preditado, quando foi em a canoa até o pôrto de Pínda, e por ser capaz (o pôrto de Luanda) de muitos armádas e resguardado dos rigores e furor do mar e das influências do vento, por ter em frente da terra firme uma **Ilha** mui dilatada em ser comprida, que serve de abrigo a tôda a embarcação de maior pôrte que seja, a respeito da muralha, que tem em frente, onde as furiosas ondas quebrantam suas fúrias, e não se viu nunca, em razão de tempestade, que se perdesse navio nenhum dentro do socôgo dêste pôrto e enseada.

(Continua).



AS LÚTAS LIBERAIS

— EM —

==== ANGOLA ====



NAS PÁGINAS 31, 32, 93-96, 154-156, 280-282 da nossa primeira Série ficaram apontadas algumas notícias relativas ao eco que em Angola fez ou teve o «**Vintismo**»: vamos agora publicar mais outros **Documentos**, curiosos e interessantes e pouco conhecidos, que aclaram e desenvolvem o assunto.

O cónego Manuel Patrício Correia de Castro foi deputado por Angola; e, em 23 de Setembro de 1822, assinou aqui em Lisboa a Constituição Política da Monarquia Portuguesa.

No tómo XVI, à página 283, do *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio Brito Aranha, vem indicado um outro opúsculo do cónego Correia de Castro, também político, publicado no Rio de Janeiro em Junho de 1822.

Sabemos mais que fez ou prègou a oração fúnebre, na Catedral de Luanda, quando se realizaram as exéquias do bíspo dom frei João Damasceno da Silva Póvoas: existe impressa e tem 26 páginas.

Visitámos, há dias, o *Arquivo Histórico Militar* e ali vimos muitos documentos desta época, que são importantíssimos. Além de inédito, é um material curiosíssimo, que havemos de estudar.

LISBOA. Janeiro/1934.

Padre POMBO.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

13.^a secção — Ciências civis, 10.598, série preta. Miscelânea. Número 14. Fôlhas 87-89 ou 5 páginas.

Aos meus amados Compatriotas, Habitantes do Reino de Angola, e Benguela.

Angolenses: Enviado por vós pãra vos representar nas Côrtes-Gerais, Extraordinárias e Constituintes da Nação, de-certo merecera o desprêzo, o ódio, e a execração do Mundo inteiro, se por uma criminosa condescendência transgredisse os vossos mandádos e traísse a vossa confiança; e, unindo-me a uma facção horrorosa, me repousasse no Brasil tranqüilo espectador da sorte que vos esperava. Mas o verdadeiro amor da Pátria, os mais sagrados devêres de Religioso Cidadão e Deputádo me estimularam, já desde o dia que sobre mim caiu a vossa escôlha, pãra voar, se me fôra possível, ao Augusto Congresso, onde em meio dos Representantes da Nação, dos prudentes e sábios Legisladores, que formavam o sagrado Código de nossos antigos e imprescritíveis direitos, eu viesse ter um logar distinto, como mandatário de um Povo, sempre fiel, e sempre obediente à Mãi Pátria.

Estas considerações, que encheram de ufania o meu coração e o inundaram de prazer, foram sem dúvida as que me deram ânimo e valor pãra cortar por todos os embaraços, que puderam causar a minha detença no Rio de Janeiro.

Angolenses: o lisonjeiro futuro, com que naquela cidade se vos acenava pãra fazerdes cáusa comum com os Demagogos Brasilienses, seduzidos e seductores, e pãra identificar-vos com êles em seus devaneados sentimentos, não podia contrabalançar os grandes males, que se me antolhavam iam já descarregar-se com incrível impetuosidade sobre vossas cabeças. Eu previa que, apenas rotos os laços de vossa firme e constante união com a Mãi Pátria, vos abalançásseis a perjurar a sagrada promessa, que, no sempre memorável dia 8 de

Dezembro, prestastes às bases da Constituição ; logo uma torrente de calamidades se derramaria sôbre o vosso solo, trazendo após si os males da anarquia, que chamariam sôbre inocentes vitimas a indignação da terra e do mesmo Céu.

¿ Qual seria, pois, a vossa sorte, se uma inconsiderada deliberação vos arrastasse a unir-vos ao sistema do Rio-de-Janeiro, e vos deixásseis persuadir que são unicamente as relações do Comércio que vos devem ligar com o Brasil ?

Ah ! Vós veríeis em-breve inundar-se as praças e ruas de vossas Cidades e Povoações de sangue inocente, que seria imolado ao ídolo da ambição e do vil interêsse. O facho da discórdia atearia a guerra civil. O vosso mesmo comércio seria a fonte próxima de vossas desgraças. Então *vossa dor seria pungente*, mas irremediável : clamaríeis, mas em-vão ; buscaríeis quem vos defendesse e só encontraríeis a mão poderosa do Eterno, irritado contra tam louca resolução ; e, no abandôno de vossas casas e vossos bens, correríeis foragidos a ocultar-vos até dos raios do Sol ; pediríeis aos môtos que vos cobrissem e êles seriam surdos aos vossos rogos.

À vista de tam horroroso quádro, eu não pude resistir à evidência de meus raciocínios, pãra deixar de convidar-vos a permanecer tranqüilos observadores da União com Portugal, dos Decretos de suas Côrtes e das Ordens de El-Rei. Cumpria logo depois unir-me a êste soberano Congresso, onde a vossa representação era mesmo desejada. Ao través, pois, do Atlântico, com o favor do Céu eu abordei a esta grande Cidade, berço de Heróis. Meu coração exultou, quando, admitido no Augusto recinto das Côrtes, em que preside a Sabedoria e a Verdade, claramente vi que já de antemão tinha sido a vossa futura sorte bem ponderada com prontas e necessárias providências.

O Pacto Social, que então absorvia todos os cuidados de seus Colaboradores, ainda pôde receber pequenas alterações, em respeito ao vosso cômodo. Êle recebeu igualmente o cunho da vossa representação ; em vosso nome foi por mim assinado e jurado, e jãmais deixará de obrigar-vos à sua execução.

Quando o Chefe do podêr executivo, El-Rei, entre vívas e aclamações apareceu no seio da Assembleia Nacional a selar com seu augusto e imortal Nome esta grande óbra, que

espontâneamente aceitou e jurou guardar; quando tôdas as Autoridades, todos os bons Portugueses correram porfiosos a jurá-la; quando, em fim, as Nações livres da Europa prodigalizaram sôbre ela bênçãos e louvores, eu não me poderia permitir um só momento à reflexão de que vosso entusiasmo patriótico se não determinará a aderir e defender êste Paládio da Liberdade, sem que, ao mesmo passo, fizesse um atáque à vossa reconhecida e antiga fidelidade.

Cumpre-me, pois, asseverar-vos, como vereis quando o lerdes, que neste sagrado Código achareis a mais forte barreira contra o Despotismo, que tanto detestais: nele achareis os incalculáveis bens, que sôfregamente aguardáveis.

A divisão dos três podêres, que faz tôda a felicidade de uma Nação livre, é o princípio essencial desta carta política. Desta divisão, pois, deriva a Constituição os benefícios, que ela vai entornar sôbre todos os Portugueses; e, se a distância do lugar, em que vos colocou a natureza em relação com a Metrópole, poderia servir de especioso motivo a queixar-vos de vossa dura sorte, olhai que tudo nele foi prevenido sàbiamente. Vós ides a ter dentro dos vossos muros aqueles recursos que vos são tam necessários, e que até agora mendigáveis baldadamente através de imensos mares. Tudo agora se vos torna fácil, útil e agradável.

A arbitrariedade dos Empregados Públicos desaparecerá, pois que a sua responsabilidade se fará efectiva no vosso país. A vós mesmo ficará pertencendo promover os meios de vossa felicidade, tornando activa vossa indústria, animando o vosso comércio e dando vida à vossa agricultura — mananciais fecundos das riquezas dos estados. Vereis a abundância e a justiça de mãos dadas habitando perpétuamente o vosso terreno, e, na fruição de tantos bens, entoareis hinos de gratidão aos Libertadores da Pátria, que nos despedaçaram os ferros da escravidão.

Jurai, pois, Angolenses, observar esta Constituição, guardá-la inviolavelmente; ensinai-a a vossos filhos e aos vossos súbditos, como um Compêndio de Moral Política e Religiosa.

No entanto-que as Côrtes Ordinárias se vão ocupar das Leis regulamentares pàra o melhoramento em geral da Nação, pàra dar calor e fôrça principalmente ao vosso País; e pàra cortar por tôda a pártie os abusos, gerados por uma Ad-

ministração, que nada se compadecia com os interesses gerais dos povos; o Governo, cuidadoso e vigilante do vosso bem-estar, vos envia como dádiva inapreciável o Gênio da Paz, que vos fará saborear prazeres por vós nunca gostados.

As tropas que o seguem, não são conquistadoras, nem tiranas. Pâra manter o justo equilíbrio das Leis, pâra assegurar a vossa propriedade sempre vacilante ou quási incerta. é que elas vão aparecer em vossa Pátria. O valor e a hõnra, que as distinguem, e que lhes fez colher os louros, ou quando libertaram a Pátria de dominação extranha, ou quando a salvaram da morte política, vos afiançam a sua amizade e a vossa guarda.

Não receeis mais de ora em deante as convulsões, com que vos ameaçavam Soldados indisciplinados e imorais, que já uma vez derramaram temerariamente o lúto e o horror em vossa Capital.

A medida de vossos desejos está completa.

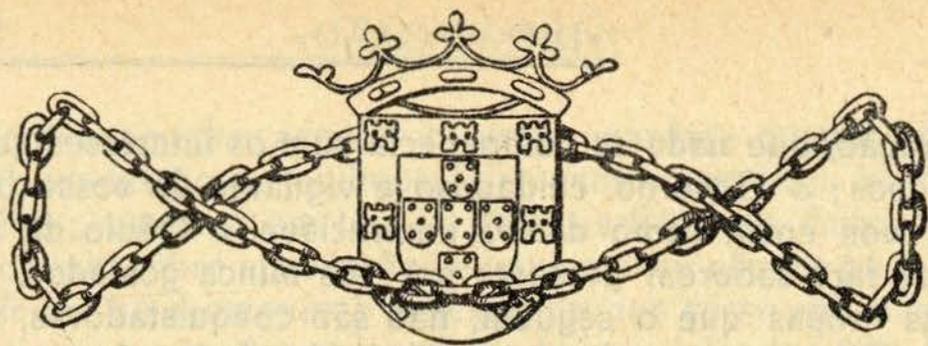
É agora que a insidiosa linguagem da Discórdia temerá aproximar-se de vossos lares. Seus mercenários e vis Emissários encontrarão em vós a firmeza e o denodo, que vos coube em herança de vossos Maiores; vós, como êles, derramareis ainda de melhor grado o sangue, por sustentar a Causa da Liberdade Portuguesa, que é a vossa Causa.

Tranqüilizai-vos, Angolenses, e confiai que, em-tanto-que não escolheis homens mais ilustrados, a quem outorgueis vossa Procuração, eu empregarei todos momentos em advogar e sustentar os vossos interesses, interesses da Terra, que me deu o sêr.

Lisboa, 30 de Novembro de 1822.

O Deputádo pelo Reino-de-Angola
Manuel Patricio Correia de Castro.

LISBOA. — Na Tip. de M. P. de Lacerda. — 1822.



NO TEMPO DOS FILIPES...

ANGOLA-MENINA

Lopes & Pigafeta

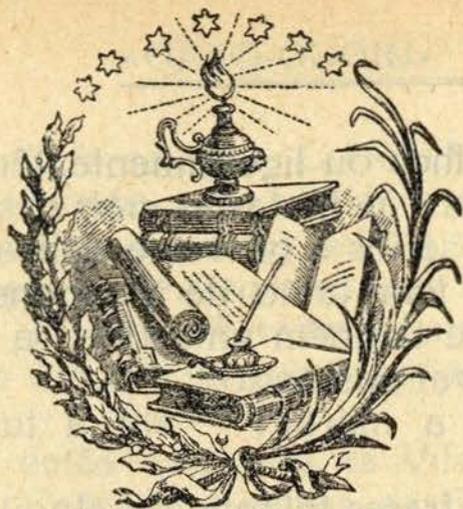
Sòmente no número seguinte é que começaremos a publicar a *Relação do Reino de Congo*: aqui ficam as nossas desculpas.

Os nossos leitores não perdem náda, antes ganham, com a nossa demóra: fiquem certos.

Além da tradução anotada em português, daremos o próprio texto em italiano.

A modesta emprêsa da revista *Diogo Caão*, com verdadeiro prazer intelectual, vai publicar nas suas páginas o PRIMEIRO LIVRO que foi impresso sôbre Angola

Padre POMBO.

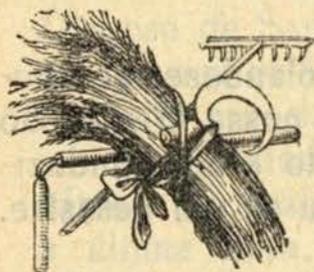


MISCELÂNEA

— de —

apontamentos velhos e antigos
— impressões, comentários, crítica —
nótas à margem
&
novidades

Bibliotecas & Arquivos



TAREFA LOUVÁVEL É CERTAMENTE a vulgarização honesta da verdadeira e documentada História-de-Angola, repetimos, mais um atestado honroso que podemos apresentar a favor da colonização lusa: as suas páginas, tam variadas e tam exemplares, desafiam presentemente a curiosidade de muitos investigadores ardentes, mas modestos ou concien-
OSOS.

Lá & Cá, não falta também quem *brinque* ou *jogue* à... História-de-Angola.

Sôbre os joelhos ou ligeiramente, têm a coragem de publicar, ou copiar, as fantasias mais descabeladas sôbre assuntos os mais sérios e graves e delicados!!!

Tal ousadia tem tanto de irresponsabilidade como de atrevimento: é também uma doença desta época ou crise moral que vai passando.

Angola, a mártir! — até a tua História é... aérea!!!...

Não é com frases infantis ou eloqüentes que se escrevem as tuas páginas; não.

Nestas Bibliotecas & Arquivos de Lisboa, quasi desconhecidos, ou quasi sem estudo, dormem infinitos DOCUMENTOS ANGOLANOS: é nossa intenção, ou é do programa desta revistinha, dar notícia dêles, porque a sua qualidade tem a melhor garantia.

A nossa emprêsa, porque é modestíssima, com pouco se satisfaz e contenta e entretém: apenas queremos ajuntar e escolher e carregar MATERIAIS pãra a grande obra de sã cultura nacional.

LISBOA. Janeiro/1934.

Padre POMBO.

Documentos Angolanos anteriores

a 1648

Quando, em Agosto de 1641, os Holandeses se apoderaram da cidade de Luanda, a nossa Gente não se esqueceu dos Livros do Arquivo: quando eram conduzidos pelo rio Quanza pãra Maçangano, deu-se um desastre.

Assim conta o factó Codornega:

— «... também chegaram neste Sítio três soldádos escapados das lâncas, que pelo rio Quanza acima vinham, e deram notícia em como o Inimigo (os Holandeses), com alguns de sua guerra-preta, tinham degolado os doentes, que nas lâncas vinham e roubado as cousas de mais va-

lor, e haviam botado ao rão os CARTÓRIOS dos tabeliães da cidade de Luanda, e os LIVROS e mais PAPÉIS do Senado da Camara, e outras cousas que lhe não tinham serventia, em que se perderam muitas noticias das cousas dêstes Reinos; e, se os haviam escapado ou salvado da Cidade, em esta ocasião vieram a ter seu fim...» —

Nos livros então existentes na Vila da Vitória de Maçangano, colheu Cadornega muitas das informações que nos dá nos seus três tomos da *História-Geral*: sabia, pois, na segunda metade do século XVII, dar ou tirar dos DOCUMENTOS a sua utilidade valiosa.

P. P.

Galeria de Retratos de Bispos

Existem em quadros, que estão pregados nas paredes de um corredor do actual Paço-Episcopal de Luanda, alguns retratos a óleo de Bispos da Diocese de Angola-e-Congo: o primeiro bispo dom frei António Rangel, dom frei Manuel da Natividade, dom frei Francisco de Santo Tomás, dom frei Alexandre da Sagrada Família, dom Joaquim Maria Mascarenhas, dom frei João Damasceno da Silva Póvoas, entre outros.

Também lá estão uns nove ou dez retratos de Bispos da Diocese de Sam-Tomé.

O seu estado de conservação é regular: no seu género, têm arte apreciável.

Em Setembro do ano próximo passado de 1933, pensámos fotografar os quadros dos Bispos de Angola, mas, à última hora, faltou-nos o tempo para tal serviço ou trabalho.

Para nosso uso temos aqui uma lista dos quadros.

Quando fizermos qualquer referência aos Bispos, daremos nota dos que têm retrato na dita Galeria.

P. P.

Os Jesuítas em Luanda

No volume quinto do *Arquivo-das-Colónias*, às páginas 543-551, vem publicada uma Carta, que, em 2 de Novembro de 1679, os Jesuítas de Luanda dirigiram ou escreveram ao então governador e capitão-geral de Angola — Aires de Saldanha de Sousa e Meneses.

Trata de vários assúntos religiosos, a saber : colégio, missões e seminário.

Esta Carta existe na Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, no gabinete n.º 11, estânte 473. papéis vários 3-segundo, n.º 6.

O folheto foi impresso em Lisboa, no ano de 1680, na oficina de João da Costa e tem 24 páginas, sem divisão em parágrafos.

A divisão em parágrafos, que fizeram à Carta, conforme está publicada no *Arquivo-das-Colónias* não é rigorosa : a pontuação também está alterada e sacrificada.

Não nos interessam agora aqui, nem as nótas que o governador Aires de Saldanha lhe pôs, nem também a resposta que deu aos Jesuítas.

P. P.

José de Seabra da Silva

Nesta nossa segunda Série, às páginas 43 46 e 77-80, está publicado um resumido estudo histórico relativo ao dr. José de Seabra da Silva : por razões até hoje mal conhecidas, o Marquês-de-Pombal mandou-o desterrado para Angola.

Como sabem, esteve no presídio das Pedras-Negras de Pungo-Andongo, com residência fixa ou marcada.

A revista «**O Instituto**» de Coímbra, no volume 85, 1933, às páginas 117-134, traz um artigo muito interessante do sr. dr. João Jardim de Vilhena, com êste título : — *José de Seabra da Silva, a sua política e o seu destêrro.*

A carta de 21 de Janeiro de 1774, ali publicada, que o Marquês-de-Pombal escreveu a seu filho primogénito Conde-de-Oeiras, dá uma rês-teazinha de luz nas densas trevas dêste segrêdo.

O Marquês-de-Pombal chama ao dr. Seabra da Silva os seguintes nomes feios: vil, ingrato, pérfido, infame.

Podemos calcular algumas razões, mais ou menos fundadas, do castígo, mas de positivo ou certo náda pouco o se sabe por-enquanto: a cáusa próxima do destêrro, que o impôs assim tam de-chofre, continua a ser um enigma histórico.

P. P.

Atlas histórico de Angola

Conhecemos várias cartas e desenhos com motivos ou assúntos de Angola — cidades, presídios, bárras, fortalezas, caminhos ou estradas, que são de alto valor pára o estúdo da história.

Encontram-se êsses **Documentos** espalhados por vários logares aqui em Lisboa e no Pôrto, de sorte que é tarefa custosa consultá-los: o ideal seria organizar e publicar um atlas com as cartas principais ou de maior valor, mas tal emprêsa, por ser elevado o preço, não cabe no nosso orçámento.

Não poucas vezes, gastam-se rios de dinheiro com... vaidades pessoais e sem a mínima utilidade colectiva, próxima ou remota: é verdade.

Freqüentamos agora em Lisboa o Arquivo Histórico Colonial, a Torre-do-Tômbó, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da Academia das Ciências e por ali espalhados encontramos sempre muitos papéis velhos e antigos, onde a história angolana está guardada, ou a dormir, ou esquecida...

Hoje, está na moda o historicismo arquivístico: as fontes da verdadeira história são os próprios **Documentos**, estudados com crítica e honestidade.

A história é uma ciência positiva, que não devemos inventar... fantásticamente.

P. P.

Almanaque Estatístico de Angola,
pâra 1852

Tivemos, há dias, em nossas mãos o exemplar que existe, na Biblioteca Nacional de Lisboa, com a marcação preta número 2.257 das Continuações-Gerais. Tem certo valor, pâra o seu tempo. A paginação, em algarismos, começa no vêrso ou costas da página XXVII.

Em assúntos históricos, segue à risca Lopes de Lima, que cita lealmente.

Aqui vamos dar um pedaço, que é mui curioso, da página 55:

— «Quando intertámos a publicação do presente Almanaque, foi na persuasão de que encontraríamos, nas Estações competentes da Província, autógrafos ou registos de **Documentos** indispensáveis pâra a rectificação de alguma coisa que se acha escrito em diversas obras de história dêste país, assim como estatísticas modernas, pâra, em sua vista, formular uma compilação, a qual não só serviria pâra satisfazer ao Leitor curioso, como também aos Empregados-Públicos novos, que quisessem estudar as especialidades do país; porém a Invasão-dos-Holandeses, no ano de 1641, obrigando as nossas Autoridades e povo a abandonarem a cidade de Luanda, deixaram por essa ocasião os arquivos expostos aos caprichos dos Invasores, o que deu logar a desaparecerem os autógrafos e registos que neles existiam. Além dêstes inimigos dos arquivos de Angola, há neste país outros não menos destruidores, qual é o roedor salalé, que, conquanto tenha na realidade causado grandes prejuízos, tem também servido de descúlpa a alguns funcionários e entrado em colóquios terríveis pâra o desaparecimento de **Documentos** importantes...» —

Já dissemos, por mais de uma vez, que o tal salalé tem costas largas, muito largas, pâra carregar com as responsabilidades próprias e... alheias.

P. P.

O pai da História-de-Angola

No terceiro t \circ mo da sua *História Geral*, Luanda, 1681, Ant \circ nio de Oliveira de Cadornega estuda a Geografia de Angola : fornece ou dá tamb \acute em muitas informa \tilde o \tilde es s \circ bre agricultura e etnografia.

P \acute ara que os nossos Leitores fa \tilde çam uma idea dos ass \tilde ntos ali tratados, vamos dar o res \acute umo :

— *Descri \tilde o \tilde da cidade de Luanda, suas fortalezas, suas igrejas e seus conventos.*

— *O rio Quanza e os presidios de suas margens e vizinhan \tilde as. — Os rios Lucala e Mucoso. — Lubolo, Seles, Quicombo. — Benguela, Huila e Cunene. — Reino-de-Congo. — Dembos. — Jaga de Cassange. — Pauta de todos os Sobas e seus Quilambas. — Lagoas e ribeiras. — Dist \tilde ancias. — Cost \tilde umes, abusos e ritos gent \tilde licos. — Sucessos extravagantes. — Pauta dos Reis de Congo. — Ervas, c \acute scas e raizes contra ach \acute ques. — Animais ferozes e sua ca \tilde ada. — O pr \acute stimo da Palmeira, rainha das \acute rvores. — O liconde ou imbundeiro. — Uma poesia satirica ou merdaz.*

Em n \acute meros desta revistinha tencionamos publicar alguns trechos, de futuro : em geral, o terceiro t \circ mo est \acute cheio de curiosidades \acute teis.

P. P.

Nova-Oeiras

A santa, padroeira da povo \acute o \tilde de Nova-Oeiras, era Nossa Senhora das L \acute grimas, como consta \grave f \acute lha 157 do Livro dez do Arq \acute ivo da Cam \acute ra Eclesi \acute stica de Luanda.

Naquele lugar, junto do r \acute o Luinha, havia fundado em 1767 uma f \acute brica-de-f \acute ro o governador dom Francisco Inoc \tilde ncio de Sousa Coutinho : muitas e grandes dificuldades teve

a vencer, sendo a maior a do clima, mortífero para os operários brancos e pretos.

As ruínas dos edifícios, que ainda actualmente existem, mostram a grandeza ou importância da empresa.

P. P.

Batálha de Ambuíla

Esta batálha travou-se no dia primeiro de Janeiro de 1666 : na Igreja da Nazaret, onde foi sepultada a cabeça do Rei de Congo vencido — dom António, existe um quadro em azulejos, e muito expressivo, que recorda êste facto.

No Livro 12 de Provisões do Arquivo da Câmara Ecl. de Luanda, à fôlha 45, v., está o registo que diz : — *Passou-se Provisão ao Sargento-Mór Paulo Martins Pinheiro de Lacerda, para satisfazer o Voto da Vitória dêste Estado de Angola, festejando a Virgem Nossa Senhora de Nazaret, com S. S. exposto à veneração do Povo, durante a Festa, e levá-lo em Procissão — Sam-Paulo da Assunção de Luanda, 23 de Dezembro de 1791. —*

Por Provisão de 24 de Fevereiro de 1886, foi instituída canonicamente a Confraria de Nossa Senhora da Nazaret, em Luanda, na Ermida da mesma Senhora, e aprovados os seus respectivos Estatutos.

No máço número 7 de papéis avulsos, ano de 1873, encontram-se algumas notícias relativas à Ermida da Nazaret e um esboço de Estatutos, certamente de uma Confraria, que se destinava a manter o culto-religioso naquele templo.

Tem havido pouco cuidado na conservação dêste artístico Monumento-Provincial de Angola : por vezes, dêle tem sido feito armazém para guardar material de construção, como barricas de cimento e pilhas de tábuas...

...e coisa peor!!!

Voltaremos a êste assúnto porque o governador André Vidal de Negreiros, fundador da Ermida da Nazaret, deu ou deixou ou legou à Irmandade um bom património.

P. P.

«DIOGO-CAÃO»

(Continuação)

44)

O bem feito bissemanário *Noticias de Huila*, que, moralizando e discutindo, se publica na cidade de Sá-da-Bandeira ou antigo Lubango, no sul de Angola, fez a seguinte apreciação, no seu número de 20 de Junho de 1933, das nossas investigações históricas :

O erudito investigador Padre Manuel Ruela Pombo, que dirige a interessante revista de assúntos históricos de Angola *Diogo-Caão*, iniciou a publicação dos documentos que se referem ao degrêdo em Angola de José Alvares Maciel, Luís Vás de Toledo Písa, Inácio José de Alvarenga (Peixoto), Domingos de Abreu Vieira, Francisco de Paula Freire de Andrade e Francisco de Oliveira Lopes que vieram degredados por tôda a vida para Angola, por terem tomado parte na conjúra que pretendia proclamar a independência do Brasil em 1789, juntamente com o alferes Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido pelo «Tiradentes», único dos conspiradores que foi enforcado em 1792 — conspiração essa que ficou sendo conhecida pela designação de «Inconfidência-Mineira».

Andavam perdidos pelos maços das bibliotecas e arquivos os documentos respeitantes ao degrêdo dêsses homens de espírito esclarecido e que, iluminados pelas ideias de liberdade que então irradiavam da França, sonharam dar ao Brasil a independência e uma organização republicana.

Esteve o Padre Manuel Ruela Pombo como vigário da cidade

de S. Gonçalo de Sapucaí, onde viveu e morreu d. Bárbara Heliodora, espôsa que foi do dr. Alvarenga (Peixoto), um dos «inconfidentes», e nessa cidade do Estádio de Minas-Gerais deu início às suas investigações sobre os conjurados, que, mais tarde, prosseguiu em Angola e nos arquivos da Biblioteca Nacional, de Lisboa.

É o fruto das suas pacientes investigações, conduzidas deliberadamente para o esclarecimento do que respeita ao conhecimento da estadia em Angola como degredados dos «inconfidentes mineiros» que o sr. Padre Manuel Ruela Pombo nos apresenta na sua nova obra, sobremaneira interessante, e que á luz da verdade histórica dá a conhecer o que só obscura e incompletamente se sabia.

Não só em Angola e em Portugal, os curiosos de assúntos históricos terão na «Inconfidência-Mineira» um repositório de dados interessantes para o estudo desse acontecimento, como também no Brasil, — onde a figura de «Tiradentes» e dos seus companheiros são objecto de culto nacional, — será a obra do sr. Padre Ruela carinhosamente acolhida.

Pena é que, como diz, para não tomar muito espaço sobre o estudo que fez da «Inconfidência-Mineira», o sr. Padre Ruela Pombo não inclua na sua interessante obra o relato do que se passou no julgamento dos Réus no Rio de Janeiro, o que tornaria, talvez, mais compreensível a vida desses homens que um sublime pensamento de emancipação e liberdade levou à força e à morte nas terras do degredo, de Angola e Moçambique.

Esta obra ilustrada com reproduções dos documentos e gravuras dos lugares históricos nêles citados é mais um trabalho valioso que ficamos devendo ao erudito investigador sr. Padre Manuel Ruela Pombo.

Agradecemos. Já estão publicados 10 fascículos ou sejam 80 páginas.

P. P.
